

Dimensão Ambiental: o mar de lixo do Pacífico

No oceano Pacífico, entre a Califórnia e o Havaí, a centenas de quilômetros de distância de qualquer cidade grande, garrafas plásticas, brinquedos, aparelhos eletrônicos quebrados, redes de pesca abandonadas e milhões de outros fragmentos e resíduos estão flutuando na água --pesquisadores calculam que o volume de lixo em questão é de pelo menos 87 mil toneladas.

Nos últimos anos, essa notória pilha de sujeira veio a ser conhecida como a Grande Ilha de Lixo do Pacífico, um cemitério oceânico móvel ao qual objetos de uso cotidiano chegam arrastados pelas correntes marítimas. O plástico termina por se desintegrar em forma de partículas minúsculas, muitas das quais são comidas por peixes e podem vir a ingressar em nossa cadeia alimentar.

Um estudo publicado nesta quinta (22) pela revista Scientific Reports quantificou a dimensão completa do grande depósito de lixo oceânico: ele é entre quatro e 16 vezes maior do que se calculava anteriormente, ocupa uma área equivalente a três vezes o tamanho do estado da Bahia, e abriga um total estimado em 1,8 trilhão de pedaços de lixo.

Fonte:

<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2018/03/grande-deposito-de-lixo-do-pacifico-contem-87-mil-toneladas-de-plastico.shtml>. Acesso em 10/04/19.

O maior depósito de lixo do mundo não se localiza em terra firme. Está no Oceano Pacífico, numa imensa região do mar que começa a cerca de 950 quilômetros da costa californiana e chega ao litoral havaiano. Seu tamanho já se aproxima de 680 mil quilômetros quadrados, o equivalente aos territórios de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo somados – e não pára de crescer.

Cerca de 20% dos componentes desses depósitos são atirados ao mar por navios ou plataformas petrolíferas. O restante vem mesmo da terra firme. Segundo o oceanógrafo Curtis Ebbesmeyer, especializado em destroços de navegação e que acompanha a presença de plásticos nos mares por mais de 15 anos, o vórtice de lixo se assemelha a um organismo vivo: “Ele se move como um animal grande sem coleira.” A aproximação dessa massa à terra firme, por eventuais mudanças de correntes marinhas, produz efeitos temíveis, assinala o cientista: “A colcha de lixo regurgita, e você tem uma praia coberta com esse confete de plástico.”

Disponível em: <https://www.revistaplaneta.com.br/mar-de-lixo/>. Acesso em 10/04/19.

Dimensão Social: os refugiados sírios

Milhões de sírios cruzaram fronteiras para escapar das bombas e balas que devastaram suas casas. A grande maioria dos refugiados sírios nos países vizinhos vive em áreas urbanas e cerca de 8% em campos de refugiados. A Turquia possui o maior número de refugiados sírios registrados e atualmente abriga 3,3 milhões de pessoas.

No Líbano, a vida é uma luta diária para mais de um milhão de refugiados sírios que têm pouco ou nenhum recurso financeiro. Cerca de 70% vivem abaixo da linha da pobreza. Não há campos formais de refugiados e, como resultado, os sírios estão dispersos em mais de 2.100 comunidades e áreas urbanas e rurais, e muitas vezes compartilham pequenos alojamentos básicos com outras famílias de refugiados em condições precárias.

“Eles nos deram biscoitos, queijo, tâmaras e carne seca. Tudo muito bom... Também nos deram tapetes, cobertores e utensílios de cozinha”. Fayzeh, que possui três filhos e está no acampamento de Zaatari, na Jordânia

Na Jordânia, mais de 655.000 homens, mulheres e crianças estão atualmente no exílio. Aproximadamente 80% deles vivem fora dos campos, enquanto mais de 139.000 fizeram dos campos de Zaatari e Azraq suas novas moradias. Muitos chegaram com recursos limitados até para suprir as necessidades básicas. Aqueles que a princípio podiam contar com suas economias ou com o apoio das famílias de acolhimento, agora precisam de ajuda. Estima-se que 93% dos refugiados na Jordânia vivem abaixo da linha de pobreza.

O Iraque também registrou um número crescente de chegadas de sírios e já abriga mais de 246.000 pessoas em seu território. No Egito, o ACNUR oferece proteção e assistência a mais de 126.000. Embora a vida no exílio seja difícil, os sírios acreditam que a vida em casa é ainda mais árdua.

Fonte: <https://www.acnur.org/portugues/siria/>. Acesso em 10/04/19.

Dimensão Política: o conflito no Sudão do Sul

“No Sudão do Sul não há povos. As *tukuls*, cabanas familiares, estão o mais longe possível umas das outras, com frequência há mais de uma hora a pé entre si”, comenta uma servidora pública da União Europeia que trabalha em Yuba. “Durante a última guerra civil, viver em comunidade significava ser atacado uma vez ou outra pelos grupos armados, o que fez com que as pessoas decidissem viver o mais afastado possível uma das outras para poder sobreviver”.

A guerra civil que assolou o Sudão do Sul entre 1983 e 2005 — foi a segunda, já que houve uma inicial de 1955 a 1972— marcou a vida cotidiana do país mais jovem da comunidade internacional. Desde que a violência se desatou, no último dia 16, 250.000 pessoas têm levantado acampamento, na tentativa de evitar as diferentes facções que lutam entre si.

O Sudão do Sul obteve a independência do Sudão em junho de 2011 entre a euforia de seus oito milhões de habitantes esgotados depois de 22 anos de conflito, dois milhões de mortos e quase um milhão de refugiados e deslocados. A nova nação é rica em petróleo e tem uma das terras mais férteis da África, mas é tão subdesenvolvida que mal conta com 60 quilômetros de estradas asfaltadas e não tem rede elétrica. Mais de 70 % de seus cidadãos têm menos de 30 anos, o que significa que só conheceram a guerra, e menos de um quarto da população sabe ler e escrever. Um caldo de cultura perigoso para começar uma nova caminhada que, nos últimos dois anos e meio, tem topado com um antigo baque: a falta de visão conjunta das mais de 60 etnias que vivem em seu território e o recurso à violência como primeira opção.

Fonte:

https://brasil.elpais.com/brasil/2013/12/27/internacional/1388163693_667940.html.
Acesso em 10/04/19.

O país mais novo do mundo enfrenta uma grave crise humanitária. Os números falam por si só. Das 12 milhões de pessoas no Sudão do Sul, 6 milhões estão em situação grave de fome e carece de assistência alimentar e 4 milhões estão deslocadas.

Quando conflito na fronteira do Sudão e do Sudão do Sul, dividiu uma comunidade em duas. Fugindo da violência, centenas de famílias foram separadas e perderam completamente o contato entre si. Depois de um boca a boca, o nossas equipes conseguiram reconectá-las e, com uma ligação, conseguiu compartilhar notícias com 2,5 mil pessoas sobre os seus entes queridos.

Fonte: <https://www.icrc.org/pt/guerra-civil-no-sudao-do-sul>. Acesso em 10/04/19.

Dimensão Econômica: a crise da Venezuela

A situação na Venezuela vem ganhando contornos de tragédia há alguns anos, mas as condições políticas e sociais se deterioraram sensivelmente nos últimos meses no país, onde a tensão cresce diante da possibilidade de uma intervenção internacional.

As imagens recentes mostram um país abalado pela pobreza e pela hiperinflação, enquanto a instalação de um governo paralelo ao do presidente eleito, Nicolás Maduro, intensificou a crise política interna e externa de uma nação cada vez mais isolada diplomaticamente.

Desde o início do ano, intensificaram-se os protestos pela saída de Maduro, que, por sua vez, arregimenta apoiadores em torno de grandes manifestações para demonstrar que tem apoio popular.

Em janeiro, o deputado Juan Guaidó, que havia acabado de tomar posse como presidente da Assembleia Nacional, o parlamento venezuelano e último órgão estatal sob controle da oposição, declarou-se presidente interino do país.

Mais de 50 países, entre eles Estados Unidos, Brasil, França, Espanha, Argentina, Canadá, Chile, Colômbia, Dinamarca, Equador e Peru, reconheceram Guaidó como novo mandatário venezuelano. Já Bolívia, China, Cuba, Irã, México e Rússia declaram apoio a Maduro.

Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45909515>. Acesso em 10/04/19.

Dimensão dos valores humanos: o racismo estrutural na sociedade

Atuar como psicóloga no posto de saúde mas ser confundida, pelo médico, com uma faxineira; ouvir uma criança negra se lamentar por ter cabelos crespos e não lisos; presenciar um profissional de saúde ser racista e preconceituoso com uma paciente por ela ser negra e morar em um lugar muito pobre; ter a certeza de que não será punido ao ser pego portando drogas pelo fato de ser branco; ser um farmacêutico negro e sofrer ameaças por questionar a prescrição de medicamentos de médicos brancos.

Essas são algumas cenas relatadas por psicólogos brancos e negros que participaram de uma pesquisa sobre relações étnico-raciais em serviços públicos de saúde no município de Suzano, Região Metropolitana de São Paulo. “Essas experiências mostram o quanto o racismo ainda afeta a visão tanto dos profissionais de saúde quanto dos próprios pacientes”, conta a psicóloga Mônica Feitosa Santana, autora de dissertação de mestrado sobre o tema.

O estudo aponta ainda para a necessidade de a questão étnico-racial ser incluída na grade curricular dos cursos de graduação em psicologia. De acordo com Mônica, todos os psicólogos que participaram do estudo mencionaram que não tiveram formação sobre as relações étnico-raciais e que não aprenderam na faculdade que a raça, assim como o gênero e a classe social, também é um fator de análise de desigualdade.

A pesquisadora define o racismo como um conjunto de práticas institucionais e interpessoais que geram exclusão. São institucionais porque já estão inseridas na ideologia, mas elas se refletem no comportamento interpessoal das pessoas de forma automática, irracional e irrefletida. Então, por mais que as pessoas falem que não são racistas, existe toda uma ideologia por trás que sustenta esse racismo.

Ao analisar os relatos, Mônica observou que esses profissionais atendem muitas pessoas negras e pobres, e que esses pacientes narram situações de racismo, fato que produz muito sofrimento psíquico. Psicólogos negros também relataram racismo, seja vindo dos pacientes ou de outros membros da equipe de saúde.

“O racismo também apareceu na observação de uma psicóloga branca. Ela relatou que percebeu que o sofrimento de um paciente negro era decorrente de racismo. Mas essa psicóloga não se sentiu autorizada a nomear dessa forma para o paciente. Ela achou que, por ser branca, se ela falasse que era uma situação de racismo, sentiu medo que ele achasse que era ela quem estava sendo racista com ele”, diz Mônica. “Essa psicóloga deveria sim nomear a situação como racismo, mas é neste ponto que entra a questão do racismo como ideologia, interferindo nas relações”, aponta.

Para exemplificar: se fosse uma mulher falando para um psicólogo homem sobre uma determinada experiência, esse psicólogo, ao perceber que se trata de uma situação de machismo, ele, com certeza, se sentiria autorizado a nomear a experiência como tal pois recebeu, em sua formação, a ideia de gênero como fator que gera discriminação social. “E essa paciente não acharia que o psicólogo estava sendo

machista com ela. E o psicólogo, também pela formação, compreenderia que fez uma ação de elucidar os sentimentos da paciente, que é algo que faz parte do nosso trabalho como profissional”, explica.

No caso das relações étnico-raciais e do racismo, diz a pesquisadora, muitos psicólogos não se sentem apropriados para fazer isso porque a raça não é estudada na faculdade de psicologia como um fator que gera vulnerabilidade, desigualdade e preconceito.

Os relatos também mostraram um desconhecimento sobre o que é racismo. Uma das entrevistadas disse que muitas coisas vão além da cor da pele. No caso dela, descendente de árabes, tinha um nariz muito grande e sempre foi alvo de piadas, preconceito. “Isso mostra um desconhecimento do que é racismo e mostra também o quanto as pessoas ainda não entendem o que ocorreu com o final da escravidão e a inserção social deturpada do negro no Brasil no pós-escravatura, sem direito à terra ou ao trabalho remunerado.”

Mônica lembra também que o fato de uma pessoa negra ter status social ou dinheiro não a deixa invulnerável ao racismo. “Mas os psicólogos não costumam fazer essa conexão. Eles acham que se a pessoa está passando por esse sofrimento psíquico é porque ela é pobre e negra e que, se fosse rica, ela não apresentaria esse problema. Mas isso é uma ilusão”, diz. E cita alguns casos recentes: o cantor e compositor Carlinhos Brown e sua esposa tiveram de abandonar o condomínio onde moravam, no Rio de Janeiro, devido aos ataques racistas proferidos contra os filhos do casal. Outros casos semelhantes envolvem a jornalista Maria Júlia Coutinho; os atores Lázaro Ramos e Taís Araujo; e Titi, filha dos também atores Bruno Gagliasso e Giovanna Ewbank.

Fonte:

<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/relatos-de-psicologos-mostram-casos-de-racismo-no-cotidiano/>. Acesso em 10/04/19